



COLETIVOS DE ARTE - KAZA VAZIA, ENTRE SACADA E DISPENSA

Melissa Rocha e Tales Bedeschi

UFMG

Em dezembro de 2005, Belo Horizonte abriga a primeira ação de um conjunto de artistas advindos da EBA/UFMG em busca de um espaço dinâmico e independente para produção e disseminação artística. Às margens da Lagoa da Pampulha e vizinha ao MAP (Museu de Arte da Pampulha) uma casa em ruínas se converte em atelier aberto por duas semanas. Diante da reflexão sobre o espaço público, do embate entre os interesses da instituição e os do artista surgem inúmeras possibilidades de desdobramento da prática artística. A mostra temporária e coletiva criou um ambiente de troca, produção e reflexão, desprovido de regras ou orientações curatoriais elaboradas individual e externamente ao grupo: surge o coletivo Kaza Vazia.

A partir de um relato da trajetória do Kaza Vazia (KV) poderemos analisar que a associação do coletivo a uma demanda institucional possibilitou, por um lado, fomentar a projeção das ações do Kaza Vazia inserindo o coletivo em circuitos de ampla divulgação e, por outro, contribuiu para a diluição de pontos importantes que foram base da sua proposta primeva. A absorção, por um sistema de formatos, dos modos de fazer e das experimentações marginais ao circuito estabelecido, para o seu interior, naturalmente corresponderia à sua regurgitação com sua potência crítica anulada. No entanto, muitos coletivos, associados aos incentivos, benefícios e restrições



XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

institucionais encontram condições interessantes de trabalho e reconhecimento desejado.

A nossa proposta com este artigo é nortear as ações dos coletivos de arte com base no percurso da Kaza Vazia. Reconhecendo nos coletivos instituições alternativas que atuam numa proposta de reorganização da experiência do urbano, vamos evidenciar um campo de ação em que impera a negociação, o exercício da flexibilidade e o teste dos limites e a ética dos artistas. Questões inerentes a um percurso em que a integridade é constantemente ameaçada pelas formas de trocas propostas por patrocinadores e pela própria estrutura das leis de incentivo à cultura. Fundados na convivência entre diferentes, constróem-se formas de lidar com a cidade usando o próprio corpo e a própria experiência em obras abertas que abrigam em si a reação e a intervenção do público.

De um lado, o grupo de artistas engajados numa pesquisa por novas formas de distribuição de imagens, textos e ações em arte. Do outro, profissionais que fogem de grande parte dos financiadores interessados em produtos garantidamente rentáveis.

Coletivos de arte, intervenção urbana, circuitos alternativos